



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

**AFETIVIDADE EM PROCESSOS DE APRENDIZAGEM:
Relação com a Neurociência a partir da percepção dos
professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em
um CURSO DE EXTENSÃO do IFRJ**

Mesquita
2023

PATRÍCIA CABRAL DE CAMPOS

AFETIVIDADE EM PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: Relação com a Neurociência a partir da percepção dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em um CURSO DE EXTENSÃO do IFRJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao IFRJ/ Campus Avançado Mesquita, como cumprimento parcial das exigências para conclusão do curso.

Orientadoras:

Prof.^a Me. Ludmila Nogueira da Silva

Prof.^a Dra. Grazielle Rodrigues Pereira

Mesquita
2023

C198a Campos, Patrícia Cabral de.
Afetividade em processos de aprendizagem: relação com a Neurociência a partir da percepção dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em um Curso de Extensão do IFRJ. – Rio de Janeiro: Mesquita, 2023.

40 p.

Trabalho de Conclusão (Curso Especialização em Neuroeducação do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu) do IFRJ / Campus Mesquita, 2023

Profa. Me. Ludmila Nogueira da Silva
Profa. Dra. Grazielle Rodrigues Pereira.

1. Afetividade. 2. Afetividade e aprendizagem.
3. Neuroeducação. 4. Integralidade I. Campos, Patrícia Cabral de. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro, III. Título.

TCC/IFRJ/CMesq Neuroeducação/PG

Acervo Campus Mesquita
Ficha catalográfica elaborada por
Marcos F. de Araujo.
CRB₇ / 3600.

PATRÍCIA CABRAL DE CAMPOS

AFETIVIDADE EM PROCESSOS DE APRENDIZAGEM:
Relação com a Neurociência a partir da percepção dos professores
dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em um curso de extensão
do IFRJ

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Instituto
Federal do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a
obtenção do grau de
Especialização em
Neuroeducação.

Aprovado em 16 /11/2023.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente

gov.br

LUDMILA NOGUEIRA DA SILVA

Data: 26/01/2024 11:24:35-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Me. Ludmila Nogueira da Silva- (Orientadora)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Documento assinado digitalmente

gov.br

GRAZIELLE RODRIGUES PEREIRA

Data: 29/01/2024 22:28:24-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Grazielle Rodrigues Pereira - (Orientadora)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Documento assinado digitalmente

gov.br

PATRICIA GRASEL DA SILVA

Data: 29/01/2024 20:13:13-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Patricia Grasel da Silva
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Documento assinado digitalmente

gov.br

MONICA MARIA SOUZA DE OLIVEIRA

Data: 26/01/2024 12:34:32-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Me. Mônica Maria Souza de Oliveira
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Resumo

Este trabalho traz reflexões acerca da influência da afetividade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tal feito foram consideradas as opiniões de professores da faixa etária, participantes do Curso de Extensão de Educação Inclusiva do IFRJ Campus Avançado Mesquita, o qual compreendeu o assunto no módulo “Afetividade e Aprendizagem”. Esta pesquisa, portanto, aborda a importância de o professor conhecer seu aluno, como um ser integral e, partindo disto, elaborar suas aulas com propriedade, segurança e significado, direcionando melhor a prática. A Neuroeducação é a base para a pesquisa, com estudo de caso ao abordar as considerações dos professores. O referencial teórico e relatos de professores cursistas discutem neste trabalho acerca da coesão entre teoria e prática na educação e significação das aulas através da compreensão dos processos de aprendizagem e integralidade do aluno, destacando a relevância de experiências positivas e relação de confiança para a disposição à aprendizagem e maior possibilidade de equidade na educação. A aprendizagem mediada e ambiente favorável durante o processo são questões levantadas nos resultados desta pesquisa, apontados também como importantes para a prática pedagógica.

Palavras-chave: afetividade; afetividade e aprendizagem; neuroeducação; integralidade.

Abstract

This work brings reflections on the influence of affectivity in the Early Years of Elementary School. For this purpose, the opinions of teachers of the age group, participants of the Inclusive Education Extension Course at IFRJ Campus Avançado Mesquita, were considered, which covered the subject in the “Affectivity and Learning” module. This research, therefore, addresses the importance of the teacher knowing his student, as an integral being and, based on this, developing his classes with property, security and meaning, better directing the practice. Neuroeducation is the basis for research, with a case study to address teachers' considerations. The theoretical framework and reports from course teachers discuss in this work about the cohesion between theory and practice in education and the meaning of classes through the understanding of the student's learning processes and integrality, highlighting the relevance of positive experiences and a relationship of trust for the provision of learning and greater possibility of equity in education. Mediated learning and a favorable environment during the process are issues raised in the results of this research, also highlighted as important for pedagogical practice.

Keywords: affectivity; affectivity and learning; neuroeducation; completeness.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	6
INTRODUÇÃO	5
1.1 OBJETIVOS	Erro! Indicador não definido.
1.1.1 Objetivo geral	7
1.1.2 Objetivos específicos.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	10
2.3 INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	15
3. METODOLOGIA.....	17
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	21
4.1 CONHECENDO O CURSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO IFRJ CAMPUS AVANÇADO MESQUITA	21
4.2 COMPREENSÃO DA ABORDAGEM SOBRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NO CURSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO IFRJ CAMPUS AVANÇADO MESQUITA	21
5. ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES CURSISTAS EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
7. REFERÊNCIAS	31

APRESENTAÇÃO

Há algum tempo a afetividade é assunto em rodas de conversa na educação, sendo discutido o quanto fatores externos influenciam no processo de aprendizagem. A minha caminhada na educação, iniciada pouco antes do processo de ingresso à universidade (vestibular), levou ao estudo presente, enquanto trazia reflexões e experiências que fomentavam as pesquisas, ainda superficiais.

A partir de um olhar observador, eu buscava caminhos para chegar a uma prática educacional que se aproximasse do aluno. Por isso, cada vez mais procurei estar atenta aos interesses, contexto social e familiar, e como ele enxergava o mundo. Logo, a afetividade se apresentou sem se nomear, tornando-se descoberta no decorrer dos anos letivos e investigações.

Tendo o tema se apresentado, a busca cresceu para além da prática individual, rumando à inquietação da prática coletiva e questionamentos mais abrangentes e ao mesmo tempo profundos, incluindo como o tema é tratado na formação de professores e aplicado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Buscando, então, conhecer e analisar a respeito das questões acima e sua relação com a Neuroeducação, a curiosidade apontou para o estudo da percepção de professores do Curso de Extensão em Educação Inclusiva do IFRJ Campus Avançado Mesquita sobre a influência da afetividade no processo de aprendizagem, nos processos cognitivos relacionados à Neuroeducação para a prática, e os conceitos explorados no módulo do curso relacionado à afetividade, bem como interligar estes conhecimentos aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A inquietação apontada anteriormente, levou-me a aprofundar as leituras e os conhecimentos, os quais trouxeram-me a este trabalho no qual posso compartilhar a perspectiva da pesquisa desenvolvida.

INTRODUÇÃO

Quando o profissional conhece seu aluno, compreende como deve preparar as aulas para estes, abordando conteúdos e formatos que os alcancem, a ação ganha significado, direção e vigor. Portanto, se o professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental compreende os fatores que afetam a vida do indivíduo e assimila formas de lidar com este durante o processo de ensino-aprendizagem, ele transforma seu planejamento com mais direcionamento, conseguindo alcançar mais facilmente uma proposta de ensino com práticas mais significativas.

É preciso ratificar a necessidade de envolvimento do educador com o educando, no sentido de conhecê-lo e planejar as aulas de modo a significar a ação, tornando o processo em descoberta, despertando curiosidade, desejo, estimulando o aluno enquanto sujeito de sua aprendizagem a partir daquilo que afeta a este último.

Sodré (2022, p. 68) afirma que “o afeto se torna um aliado para a construção de um ser pensante e reflexivo”, pontuando que a “mediação pedagógica também é considerada de natureza afetiva” (SODRÉ, 2022), produzindo impactos positivos ou negativos, de acordo com a relação estabelecida, e comenta ainda que o pensamento e desenvolvimento não são meramente de natureza intelectual lembrando Toassa (2011). A afetividade, portanto, torna-se um caminho para a inclusão – de toda espécie, no sentido de acolher a todos, sem distinção. Por isso, então, foi criado o módulo “Afetividade e Aprendizagem” no curso que trouxe insumos principais para esta pesquisa.

No módulo, então, Leite (2012) apresenta conceitos de afetividade considerados a partir de grandes nomes dos estudos deste tema. Leite (2012) afirma que Wallon e Vygotsky compartilham de alguns pontos, como o desenvolvimento iniciado organicamente e, ao envolver-se com o meio, há aumento da complexidade nas formas de manifestação, ou seja, a interação com o ambiente. Ambos acreditam na relação entre afetividade e inteligência no processo de desenvolvimento do ser humano, em que o conhecimento é um processo estabelecido na interação do indivíduo com o meio, construindo ideias e possibilidades, enquanto internaliza e transforma as informações que chegam até ele. A afetividade é uma ação mediada. Sendo positiva ou negativa, aponta para uma possível forma como o sujeito acolherá o aprendizado, conforme sua experiência.

Diante desse cenário, esta pesquisa traz o seguinte problema: “Como os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, participantes do Curso de Educação Inclusiva do IFRJ, Campus Mesquita, percebem a afetividade nos processos de aprendizagem nesta etapa escolar?”. O problema surgiu da inquietação diante do cotidiano, ao perceber a influência da afetividade em casos na fase escolar em questão.

Este trabalho, portanto, vem trazendo reflexões acerca do tema, baseadas na Tese de Doutorado de Mariza Sodré (2022). A autora conta em sua Tese que, ainda no mestrado, sentiu “a necessidade de uma formação continuada para professores dentro de uma perspectiva inclusiva” (SODRÉ 2022, p. 2). Sodré se reuniu à Professora Doutora Maria de Fátima Alves de Oliveira e elaboraram uma proposta para o doutorado, que iniciou em ideia de disciplina para um curso, e transformou-se em um curso completo, direcionado à Educação Inclusiva. E é com base no curso elaborado por elas que este trabalho realiza uma breve investigação voltada à relação da afetividade com a neurociência, buscando respostas de professores cursistas em formação continuada, atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O trabalho buscou respostas de professores dos anos iniciais, participantes do Curso de Extensão de Educação Inclusiva, do Campus Avançado Mesquita, e o estudo da compreensão destes professores cursistas acerca da influência da afetividade, referindo-se a como o meio afeta o educando e seus processos.

Com este foco, esta pesquisa qualitativa exploratória, que se configura em estudo de caso, seguiu no rastro de informações as quais estimulassem a inquietação, de forma a refletir na prática educativa, considerando a Neuroeducação um estudo de três áreas essenciais à aprendizagem, a saber: neurociências, a qual estuda o cérebro e suas conexões; a psicologia, que compreende as emoções e comportamentos; e a educação, na qual visa desenvolver o ser humano através de suas habilidades (BRAGA, 2021). A reunião das áreas da Neuroeducação aponta para a relevância de reconhecer a afetividade como facilitadora no processo de aprendizagem (BRAGA, 2021).

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Levantar, problematizar e refletir acerca das percepções dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental participantes do Curso de Extensão em Educação Inclusiva do IFRJ Campus Avançado Mesquita sobre a influência da afetividade no processo de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando a relação da afetividade com a neurociência nesse processo.

1.1.2 Objetivos específicos

- Compreender e explorar conceitos sobre afetividade explorados no módulo 'Afetividade e aprendizagem' do curso em questão.
- Analisar e interrogar as respostas aos formulários de avaliação de aula, a percepção dos professores acerca do conteúdo disponibilizado no curso sobre a temática da afetividade nos processos de aprendizagem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A formação continuada de professores é um tema que pode causar desconforto a alguns profissionais da área (IMBERNÓN, 2010). Muitas vezes, ao ser anunciada uma formação do tipo, vem o pensamento de que é mais um conjunto de conteúdos dos quais já vimos com frequência, ou que não cabe à aplicação prática, tornando pouco ou nada empolgante a realização da mesma. Por este motivo há de se refletir sobre a relevância das formações desde o planejamento, para que sua elaboração contemple as reais necessidades de sala de aula, com explanação clara e objetiva, além de coesa entre teoria e prática, e com uma mediação entre conhecimento e cursistas, não uma transmissão emitida pelos professores.

A formação continuada tem o propósito de qualificar profissionais para melhor realização de sua função. Neste caso, a prática educativa.

Nos registros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que diz respeito aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, também encontramos referências à importância de conhecer o aluno e suas relações com o meio e seus pares. Além disto, as experiências vivenciadas na Educação Infantil devem ser consideradas, juntamente às mudanças que o educando experimenta nessa transição. O documento cita a relevância de reconhecer as potencialidades e acolher e valorizar as diferenças. Neste caso, a afetividade se debruça em conhecer o aluno e sua integralidade, tendo em vista que

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. (BRASIL, 2018, p. 58).

O conhecimento é fonte para significar a aprendizagem, e compreender que os processos de aprendizagem estão interligados à neurociência é essencial. Estudos da neurociência esclarecem como ocorre o aprendizado de forma biológica. Entender que o ser humano é integral e seu organismo dialoga com o exterior propicia avançar em estratégias consistentes.

Guerra (2011) afirma que a memória ocorre quando há atenção. Experiências multissensoriais, repetidas, aumentando o nível de complexidade, são fatores relevantes na aprendizagem. Completa, ainda, que “são as emoções que orientam

na aprendizagem” (GUERRA, 2011), criando memórias a partir de “neurônios das áreas cerebrais que regulam as emoções” (GUERRA, 2011).

O cérebro responde aos estímulos que chegam a ele através de sinapses (NAVEGANTE, 2016). Portanto, ao gerar estímulos positivos no ensino, os resultados tendem a ser também positivos.

Nesta pesquisa dialogamos com teóricos que destacam a importância de conhecer a integralidade do aluno para melhor alcançá-lo. Pensando em integralidade, tratamos de conhecer o ser humano biológico e suas interações com o mundo, a forma como ele conecta socioculturalmente. Com isso, conhecer o que lhe afeta, positiva ou negativamente. E, partindo deste conhecimento, o planejamento pode ser construído centralizado no aluno, e em tudo o que estimule positivamente suas emoções e permita sentir-se em um ambiente seguro para absorver melhor o que lhe for apresentado nas trocas com professores e colegas de turma. Desta maneira, as experiências positivas criam comportamentos mais abertos ao novo, aguçando a curiosidade somada à confiança para as conexões.

Trataremos, neste capítulo, sobre o “Processo de formação continuada de professores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, trazendo criticidade e atualização como relevantes pontos para a qualidade de ensino. Ainda uma “Breve abordagem sobre a relação da Neurociência com os processos de aprendizagem”, ressaltando a importância de conhecer o funcionamento do cérebro durante a aprendizagem. E por último, e não menos importante, “Influência da Afetividade nos processos de aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, reunindo a reflexão crítica necessária ao professor e a relação estabelecida com o aluno para as conexões cerebrais positivas contribuírem na internalização do conhecimento.

Todo o diálogo é construído tendo a ciência de que a formação inicial do professor é prevista oficialmente em documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), em que destaca como necessária à implantação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na prática escolar. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) também prevê a adequação dos cursos de formação de professores, inicial e continuada, e o Parecer CNE/CP nº. 22/2019 esclarece no que diz respeito a essas informações acima, trazendo um breve histórico das políticas de formação e valorização do professor.

2.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A formação do professor, em especial voltada para a Educação Inclusiva nos Anos Iniciais no Ensino Fundamental, tem sido discutida em prol de reflexões que a torne cada vez mais produtiva, e não apenas acréscimo de currículo.

Pensar em formação continuada deve ir além de conhecimentos teóricos que alcançam os profissionais, devendo antes ser crítico-reflexiva, atualizada e prática. Portanto, a troca com seus pares em cursos como o estudado nesta pesquisa se torna importante, atualizando conhecimentos e aprendendo com experiências destes. Duek (2014, p. 22) atenta para a necessidade de troca de experiências, pois “o professor sozinho não consegue ter todas as respostas no processo de inclusão”. Portanto, em troca com seus pares, este diálogo permite compartilhamento de ideias e estratégias, visando a diversidade presente no cotidiano.

A atualização do professor é importante, e Cunha (2022) confirma, ressaltando que a formação dos professores precisa contemplar, por meio de recursos pedagógicos, as necessidades dos alunos. Ou seja, uma formação que facilita o trabalho do professor, colabora para novas práticas, acrescenta em conhecimentos diversos, sem abranger conteúdos que permitam ao professor repensar e renovar suas atitudes para com as necessidades educacionais de seus alunos, não transmite a completude da educação.

Anjos (2018) comenta acerca da prática cair na rotina, tornar-se repetitiva e mecânica, logo, a importância de o profissional não se acomodar, e evitar o “empobrecimento prático e intelectual” (ANJOS, 2018, p. 110). Ainda Anjos (2018) fala sobre a formação continuada implementada sob a perspectiva de especialistas, a qual pode estar distante da realidade, causando desmotivação no professor, ao notar que a formação parece estar mais ligada ao cumprimento de carga horária do que a propostas transformadoras. As instituições responsáveis pelos cursos formadores devem atentar-se à educação inclusiva também na visão de quem está no contexto, considerando as contribuições dos profissionais presentes na dinâmica escolar, os quais lidam com os desafios que a inclusão carrega.

Sodré (2022) defende que há diversos caminhos para a prática inclusiva, e destacou o valor dos “cursos que os auxiliem no entendimento do processo ensino aprendizagem” (SODRÉ, 2022, p. 5). Comenta também que “ter conhecimento das

diferentes estratégias pode facilitar o processo de ensino aprendizagem e formação de cidadãos mais integrados à realidade, conscientes das necessidades do mundo contemporâneo” (SODRÉ, 2022, p. 5).

Pensar em formação continuada de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de maneira produtiva, requer olhar para os alunos, alvo da educação. Passa por preparar o professor de modo a sentir-se seguro na atuação e resolução dos problemas, como Cunha (2022) ressalta, refletindo também no processo educacional, na relação com o aluno. Quanto mais o professor compreende o conteúdo e as estratégias, mais confia em seu potencial e ecoa no desempenho prático. A formação de professores desde a formação geral, deveria preocupar-se também em abordar estratégias para que o docente compreenda melhor a educação inclusiva, como oportunidade a todos, o que diz respeito a proporcionar equidade aos grupos minoritários, não se tratando apenas de pessoas com deficiência. A autora salienta que “fica notória a angústia de professores que não se sentem preparados para trabalharem com alunos com deficiência na Educação Básica, e a relação entre professor aluno repercute na aprendizagem do estudante” (CUNHA, 2022, p. 20). Esta última fala concorda com Sodré, quando afirma que “temos, hoje, como grande desafio o exercício da inclusão na prática escolar. Poucos são os profissionais da educação qualificados para lecionar em uma turma inclusiva (SODRÉ, 2022, p. 8). E a autora completa lembrando que a prática inclusiva nas escolas do Brasil é recente, portanto, entendemos que caminha a passos lentos, ainda em descoberta do caminho.

O processo formativo de professores, no âmbito continuado, facilita o “acesso à informação entre teoria e prática”, segundo Cunha (2022, p. 21), e sua fala ainda contempla a relevância do investimento em processos formativos que abarquem a empatia e o afeto no trabalho com as pessoas atípicas, através de formações continuadas que o permitam reconhecer que o aprendizado é melhor quando ocorrem partilhas de experiências entre os profissionais.

As formações continuadas nem sempre atendem às necessidades do professor na prática, e isto ocorre inclusive por não ter a participação de professores-alunos no planejamento, como Jacobucci; Jacobucci e Megrid Neto (2011, apud Pereira et al., 2017) comentam, em um modelo bastante tradicional – transmissão de conhecimento.

A formação continuada explorada neste trabalho, realizada no IFRJ Campus Mesquita, contou com planejamento que abrangia o espaço do professor, permitindo que trocasse experiências com os professores do curso e colegas de profissão - cursistas, aprendendo com a diversidade entre estes.

Essa voz do professor, tão aprisionada em muitas formações teóricas e distantes da realidade, pôde se fazer presente no curso pesquisado aqui, a notar pelas respostas dos cursistas. Nóvoa (1995, apud Pereira et al., 2017) exalta o programa de formação continuada baseado nas necessidades de cada profissional da educação, suas características e contexto sociocultural, permitindo-lhes apropriação do que for apresentado e discutido, e desenvolver em sua realidade. No trabalho de Pereira (2017), pudemos notar que professores motivados refletem em sala de aula. E, ainda que empecilhos surjam, um professor motivado e atualizado é capaz de transpor as limitações através da formação crítico-reflexiva.

Logo, a formação continuada do docente traz um conjunto de habilidades que contribuem para a prática transformadora, como: embasamento teórico; troca de experiências com os pares; relação de segurança do professor em formação com o conhecimento adquirido, e estímulo à relação de confiança entre aluno e professor, para que o processo educativo tenha maior fluidez. Considerando a fase dos anos iniciais – período que foi estudado nesta pesquisa, os alunos passam por uma transição, e a relação de confiança torna-se ainda mais importante.

2.2 BREVE ABORDAGEM SOBRE A RELAÇÃO DA NEUROCIÊNCIA COM OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Paula (2009) destaca diversos pontos interessantes sobre a internalização de conhecimento, com teorias já bastante discutidas no meio acadêmico. Os processos de aprendizagem ocorrem partindo do inconsciente, ou seja, Paula (2009) conta como Piaget (1966) descreve os estágios psicomotores, em que a criança, desde o nascimento, age sobre algo sem o pensamento, basicamente um reflexo do cérebro ao que está à sua frente. A partir de então vai descobrindo sobre aquilo e construindo o conhecimento. Conforme seus esquemas biológicos em interação com o ambiente vão se desenvolvendo, a criança redescobre aquele objeto – ou seja, o mundo à sua volta – à medida em que vai contatando-o diversas vezes e conhecendo possibilidades/funcionalidades para tal. Passamos por diversas fases

psicológicas e motoras, e a aprendizagem acontece em todos os contextos, aprendendo através de estímulos, ensino, estudos, experiências no convívio em sociedade, em contato com a cultura ao redor, com a família e na escola, por meio de alterações no cérebro a cada novo conhecimento que chega.

Sousa e Alves (2017) defendem a necessidade de os professores compreenderem como ocorrem os processos de aprendizagem no sistema nervoso da criança, tendo em vista que o aluno pode aprender em todos os seus contextos sociais.

Os autores Sousa e Alves (2017) entendem ainda que o sistema nervoso aprende melhor aquilo que entende como significativo, e é interessante que o conhecimento esteja relacionado ao esperado e ao já conhecido, acrescido de novas oportunidades em diferentes contextos para que a aprendizagem ganhe significado. Desta forma, é essencial pensar no processo de aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como contínuo, em “espiral”, retomando conteúdos já adquiridos, através de novos formatos, buscando sempre um ambiente confortável para estas novas experiências, tendo em vista que os novos comportamentos são resultados da reorganização da estrutura cerebral, como afirma Navegante (2016). Ainda este autor afirma que um ambiente convidativo estimula o interesse do aluno e acaba por construir um aprendizado com mais significado para ele.

A reorganização da estrutura cerebral que o autor acima cita possibilita aquisição de conhecimento. “A capacidade de aprender está relacionada à quantidade de sinapses” (NAVEGANTE, 2016, p. 24), além da formação de redes, lembra Navegante (2016), que acrescenta:

O cérebro é o órgão responsável pela aprendizagem. Durante a aprendizagem, educadores, professores e pais, por meio de suas práticas pedagógicas, fornecem estímulos que provocam transformações em circuitos neurais levando ao desenvolvimento e reorganização da estrutura cerebral, cuja função resulta em novos comportamentos e, portanto, em aprendizado (Guerra, 2010, apud NAVEGANTE, 2016, p. 20).

Navegante (2016) afirma ainda que todo sistema somatossensorial – o qual se trata de um sistema complexo de neurônios, responsável por mudanças no corpo através de conexões com células receptoras - está envolvido no processo de aprendizagem. Logo, a relação do aluno com suas estruturas física, cognitiva, psicológica e social deve ser positiva para que o resultado também seja. Caso

contrário, pode gerar interferência negativa na aquisição de conhecimentos (NAVEGANTE, 2016).

Viana (2023) explica brevemente as alterações no cérebro quando diz que

Diante de estímulos do organismo ou do ambiente, o SN é ativado, gerando impulsos elétricos e liberando substâncias químicas ou neurotransmissores na fenda sináptica. Esse processo permite a conexão entre o neurônio que secretou o neurotransmissor e o neurônio que o recebeu, gerando potenciais pré e pós-sinápticos. (VIANA, 2023, p. 5068)

Ou seja, estímulos externos e internos influenciam nas funções cognitivas, ativando e estimulando áreas do cérebro, fortalecendo as conexões durante a transmissão neural, bem como a falta desses estímulos enfraquece-a (Viana, 2023).

A criança é um ser integral, e esta completude, quando valorizada na aprendizagem, torna-o sujeito neste processo. Como lembram Cosenza e Guerra (2011), que completam dizendo que estratégias pedagógicas unidas às experiências ativam a neuroplasticidade, possibilitando novos comportamentos com as modificações na estrutura cerebral do aprendiz.

O processo de ensino-aprendizagem não cabe simplesmente em aplicação de metodologias, mas em conhecer o aluno, seu contexto, seu conhecimento prévio, e traçar caminhos para mediar entre o que se sabe e o que se deseja saber, construindo com o aluno. Para isto, Cosenza e Guerra (2011) nos lembram que conhecer propriedades do cérebro referentes à cognição contribui para o processo de aprendizagem. É preciso compreender a organização e funções do cérebro, o período em que o cérebro está mais disposto a aprender, os mecanismos da linguagem, da memória e da atenção, entender como a emoção, a motivação e o desempenho se interligam com a cognição e refletem nas dificuldades de aprendizagem, com intuito de buscar intervenções mais fundamentadas.

Temos, então, que os processos de aprendizagem ocorrem através de transformações no cérebro, ao receber estímulos. Estes, por sua vez, podem ser oportunizados nos ambientes em que o aluno passa e vive. Logo, os processos de aprendizagem podem ser estimulados positivamente quando o aluno é exposto à prática pedagógica planejada, com relações de segurança e proximidade com o que lhe é familiar para, em seguida, fomentar novas possibilidades.

2.3 INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Reconhecer que a afetividade influencia no processo de aprendizagem é abrir portas para práticas mais inclusivas e consistentes. A criança, ao sentir-se segura no ambiente, abre-se mais ao aprendizado e envolve-se com o novo.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a criança está em transformação, em que o brincar cede um pouco de seu espaço para novas possibilidades, mas sem sair de cena completamente, pois o lúdico pode ser um parceiro pelos anos acadêmicos. O educador, quando conhece seu aluno, suas características, contexto de vida e vontades, trabalha junto a ele para uma educação afetiva, produzindo aulas interessantes ao sujeito, despertando curiosidade e cativando-o.

A afetividade cria um alicerce, e então a construção torna-se segura e dialógica. Cantanhêde (2016) comenta que o professor contribui para uma aprendizagem mais significativa e para o desenvolvimento integral do aluno, em uma formação cidadã, quando se interessa em conhecê-lo e tem prazer em ver seu sucesso.

A autora ainda reconhece que a afetividade, a paixão e a curiosidade são alavancas para a educação, desenvolvendo a inteligência, o conhecimento e a percepção (CANTANHÊDE, 2016).

Azevedo, Oliveira e Caraúbas (2019, p. 5) afirmam que “vínculos afetivos atuam como instrumentos”, fortalecendo a “aprendizagem intelectual” e “aquisição do conhecimento”, afirmando que a afetividade e a inteligência são parceiras e, caso não seja considerado dessa forma, o aluno deixa ser percebido como integral.

Monteiro (2016) traz a carência de “afeto, atenção e cuidados”, sendo refletidos na aprendizagem. As crianças têm apresentado emoções fragilizadas, portanto, o educador precisa tornar o aprender prazeroso e respeitoso, não ocupando funções do seio familiar para suprir as funções desse contexto, contudo responsabilizando-se por uma prática pedagógica afetiva. Azevedo, Oliveira e Caraúbas (2019) completam que

quando o educador assume uma postura de mediador, ele exerce sua prática numa perspectiva afetiva e dialógica, articulando as experiências que os alunos trazem com os conteúdos trabalhados num sentido de humanização do processo (AZEVEDO, OLIVEIRA E CARAÚBAS, 2019, p. 18).

Concordamos com Cantanhêde (2016) quando reafirma a necessidade de o educando sentir-se desejado no ambiente, sentir-se importante, e que aquele contexto pode contribuir ao seu aprendizado. Concordamos, ainda, com Azevedo, Oliveira e Caraúbas (2019) ao pontuarem a necessidade de estabilidade emocional para o educando envolver-se com a aprendizagem. Portanto, na fase dos anos iniciais do ensino fundamental é essencial o olhar afetivo às transformações e necessidades que o sujeito traz consigo. Desta forma, a aprendizagem torna-se dialógica, sensível, relevante e consistente.

Para uma pesquisa que abraçasse a realidade prática, além da teoria, buscamos discussões acerca do assunto em leituras diversificadas, de autores reconhecidos e respeitados pela classe de profissionais da educação, devido a pesquisas consolidadas, e também conhecendo o que pensam professores que atuam em sala de aula com alunos da faixa etária abarcada neste trabalho. Para tanto, consultou-se os documentos pertinentes do Curso de Extensão de Educação Inclusiva, oferecido pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Avançado Mesquita, a saber detalhes mais adiante na leitura deste trabalho, passando por etapas com muita dedicação e atenção ao interligar os pontos teóricos e práticos à Neuroeducação.

3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa exploratória, de abordagem de estudo de caso, sendo dezoito professores participantes diretos. A pesquisa qualitativa foi escolhida devido a estudar cenários naturais, em busca de como as pessoas compreendem o objeto de estudo, como afirmam Denzin e Lincoln (2006), e declarando a importância das colocações e interpretações dos sujeitos, conforme Vieira e Zouain (2005) comentam.

Godoy (2005) pontua que a pesquisa qualitativa precisa apresentar resultados confiáveis, descrição de um contexto, podendo ser refletido em outro; também a escrita precisa ser coerente, detalhada em seus procedimentos, e ser relevante, comparada a estudos similares.

Por ser uma forma de olhar para a realidade social, bem como Goode e Hatt (1979) apontam, o estudo de caso foi a escolha realizada para o enfoque metodológico desta pesquisa. Yin (2001) completa que “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de uma vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32). Desta maneira, a pesquisa se desdobra do contexto de respostas de um curso, com profissionais de diversas redes escolares, trazendo a subjetividade de cada um para meditar em aspectos comuns a outros ambientes similares, ou seja, mesma etapa escolar de ensino.

Minayo relata que “as relações entre os indivíduos ocorrem sempre de maneira interdependente, ou seja, conformando identidades pessoais e sociais” (MINAYO, 2009, p. 2-3). Com isso, a pesquisa visa interligar as informações de um grupo, alunos cursistas considerados nesta pesquisa, ao contexto ampliado – Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para atingirmos os objetivos da pesquisa, focamos nosso estudo nas respostas de 18 professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, participantes do Curso de Extensão de Educação Inclusiva, oferecido pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Avançado Mesquita em parceria com a Fiocruz, no segundo semestre do ano de 2020. O curso tinha o total de 54 inscritos, no entanto, como filtramos apenas os cursistas que atuavam como professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, as respostas de 34 cursistas não fizeram parte desta

pesquisa. O curso teve carga horária de 110 horas “distribuídas em atividades síncronas e assíncronas, com a previsão de 16 encontros virtuais, entre os meses de setembro e dezembro de 2020” (SODRÉ, 2022), e foi planejado para ser realizado de forma presencial. No entanto, devido ao período pandêmico em todo o mundo, e a quarentena que se instaurou em março de 2020, o curso precisou acontecer em modalidade remota. Não se considerou modalidade EaD (Ensino à distância) devido a ter sido mantido o formato presencial, apenas adaptado para o ensino remoto, ou seja, aplicado em plataforma digital gratuita.

O quadro a seguir informa a Matriz Curricular do curso abordado:

Quadro 1. Matriz curricular do Curso de Extensão em Educação Inclusiva

Matriz Curricular do CEEI		
Núcleo de Formação	Disciplina	Carga horária
Social	1. Políticas Públicas e Princípios metodológicos em Educação Inclusiva	6 horas
	2. Processos do Desenvolvimento e Educação	6 horas
	3. Arte e ludicidade na perspectiva inclusiva	6 horas
	4. Interdisciplinaridade e inclusão escolar	6 horas
	5. Afetividade e aprendizagem	6 horas
Carga horária parcial		30 horas
Profissional	6. Deficiência Intelectual	6 horas
	7. Deficiência Visual	6 horas
	8. Cultura Surda e LIBRAS	6 horas
	9. Altas Habilidades/Superdotação	6 horas
	10. Transtorno do Espectro Autista e Processos Escolares	6 horas
	11. Transtornos Mentais (Psicóticos e de humor)	6 horas
	12. Deficiência Física	6 horas
	13. Atividades diversificadas na sala de aula	6 horas
	14. Trabalho de conclusão de curso (Plano de Aula)	32 horas
Carga horária parcial		80 horas
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		110 horas

Fonte: Sodré (2022)

Diante do módulo ‘Afetividade e aprendizagem’, que aborda a afetividade no processo de aprendizagem, os estudantes responderam ao formulário de avaliação de aula, o qual forma o objeto de estudo deste trabalho. Portanto, como Flick (2014) menciona, é de suma importância a subjetividade do público abordado, bem como de quem pesquisa.

Para a realização desse estudo, foram adotadas algumas etapas de procedimentos, a saber: contato com a coordenação do curso, para acesso ao módulo na temática pertinente à pesquisa. Para isto, entramos em contato via e-mail, solicitando o acesso aos registros com os conteúdos, questões e as respostas dos alunos do curso.

A partir de então, procedemos ao estudo dos conteúdos do módulo e investigação quanto à relevância correspondente; ou seja, acessar os arquivos, que estavam disponíveis na plataforma Google Drive, e realizar uma busca pela aula sobre assunto tratado neste trabalho, descartando o que não fosse útil para o momento e focar no módulo pertinente: Afetividade na Aprendizagem.

Após o acesso aos conteúdos previstos nas aulas, procedemos à análise dos formulários de avaliação de aula (ANEXO A), nos quais os participantes do curso trouxeram informações acerca do que vivenciaram naquele período, conectando os conteúdos e diálogos em aula às suas experiências profissionais.

O formulário (ANEXO A) em questão trazia questões reflexivas, no qual os cursistas respondiam perguntas – abertas e fechadas. As mesmas eram disponibilizadas para serem respondidas após explanação das aulas ministradas na modalidade remota. Havia leitura a ser realizada antes da aula, e o cursista respondia ao formulário com base nas reflexões das tarefas anteriores (texto e aula online). As perguntas fechadas se tratavam de informações básicas pessoais, e informações da aula – segmento em que atua e avaliação da aula, por exemplo, considerando o nível de satisfação em relação à exposição da mesma (conteúdo, clareza, uso do tempo, etc.). Quanto às perguntas abertas, apelou-se para a criticidade do cursista, sendo obrigatória a participação na devolutiva. O espaço para comentários adicionais não era obrigatório.

Diante da essência deste trabalho, as respostas que trataram sobre o tema, vindas de professores de outras etapas escolares, não foram utilizadas para análise nesta pesquisa, tendo em vista a perspectiva diferenciada da fase alvo deste trabalho, ou seja, uma fase que os cursistas não têm vivência atualmente, a qual seria necessária para estudo mais específico e associações nesta pesquisa. Para esta pesquisa, portanto, consideramos apenas as respostas às perguntas abertas sobre avaliação do tema da aula, de caráter subjetivo, e de cursistas que atuassem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Portanto, foram consideradas as respostas de dezoito participante que se encaixavam neste perfil.

A pergunta sobre possível sugestão de mudança na aula (número 10) não foi considerada para esta pesquisa pois, ao avaliar, esta versava sobre as metodologias da professora na aula, e não acerca do tema. A questão se tratava de solicitação de sugestões para mudanças na aula, de modo específico, no que diz respeito ao encontro síncrono online e à tarefa assíncrona.

A partir da leitura e reflexão acerca das perguntas e respostas dos formulários, foram construídas as pontes, ou seja, os resultados acerca da pesquisa sobre a relação da afetividade com a aprendizagem, conectando à neurociência, e apresentados neste trabalho. A saber, a afetividade tem um papel importante na prática escolar, o que pôde ser compreendido através da leitura prévia para a aula e nos discursos nas devolutivas, com declarações dos cursistas acerca de suas experiências profissionais – onde pudemos conectar o que se busca em um estudo de caso, trazendo diversos exemplos específicos para o contexto geral – como mencionado no início deste capítulo.

Portanto, a análise dos dados foi realizada a partir do entrecruzamento do conteúdo investigado do curso com as teorias percorridas durante a pesquisa, interligando aos conceitos de Neuroeducação possíveis de serem considerados na dissolução dos questionamentos deste trabalho.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 CONHECENDO O CURSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO IFRJ CAMPUS AVANÇADO MESQUITA

O Curso de Extensão em Educação Inclusiva do IFRJ Campus Mesquita, no Rio de Janeiro, o qual foi utilizado como fonte para este trabalho, aconteceu de setembro a dezembro do ano de 2020, na modalidade à distância, de forma remota, online. Contou com a carga horária de 110h, e o público-alvo de professores do Ensino Fundamental, 1º e 2º segmentos. O curso foi uma parceria entre o IFRJ em questão e a Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz), como produto de uma tese de doutorado, e se configurou como curso de atualização, com o objetivo de propiciar saberes da Inclusão, de forma interdisciplinar para contribuir com a prática docente. Embora a turma a qual gerou conteúdo para esta pesquisa tenha ocorrido em 2020, o curso surgiu em 2019, na ocasião de forma presencial.

Em atividades síncronas e assíncronas constituíam o curso. Estas últimas em três modalidades, a saber: estudos dirigidos, previamente solicitados pelos professores; avaliação semanal, após cada encontro virtual; e avaliação final do curso – desenvolvida no decorrer das aulas e apresentado ao final.

Neste trabalho de pesquisa destacaremos as contribuições do conteúdo programático “Afetividade e Aprendizagem”, o qual visou propor reflexões e possibilidades nas práticas em relação aos aspectos afetivos, tendo por base a teoria vygotskyana, a qual afirma, através de Santos (2016), que o processo de aprendizagem pautado na afetividade permite que o indivíduo construa relações sociais ricas para seu desenvolvimento. Com isso, o conhecimento cria raízes mais profundas, aprimorando o cognitivo e resultando positivamente.

4.2 COMPREENSÃO DA ABORDAGEM SOBRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NO CURSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO IFRJ CAMPUS AVANÇADO MESQUITA

Os formulários de avaliação considerados nesta pesquisa fizeram parte da avaliação semanal do conteúdo programático supracitado, com o total de 42

respostas, sendo 18 atendendo ao foco de interesse neste trabalho (professores que atuassem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental).

No módulo Afetividade e Aprendizagem, o texto “Afetividade nas Práticas Pedagógicas”, do autor Sérgio Leite, foi indicado para leitura prévia - antes do estudo do módulo. Este traz reflexões acerca da aproximação ou distanciamento, de forma que as práticas pedagógicas e mediação possam impactar positivamente na relação do sujeito com o conhecimento.

A aula foi ministrada pela Professora Marta Maximo Pereira, a qual atua na área de Física do CEFET/RJ – Campus Nova Iguaçu. O conteúdo é referente aos processos de ensino e aprendizagem, considerando os aspectos cognitivos e afetivos, com referências de Vigotski (2009), Pino (2000), Efklides (2006), e Oliveira e Rego (2003), em que o primeiro critica a divisão entre cognição e afetividade, concordando com o segundo, o qual crê na importância das experiências subjetivas para a compreensão do conhecimento. Efklides acredita no potencial do interesse para alívio do esforço, afetando positivamente. Oliveira e Rego defendem a investigação individual como parceira da construção do processo de ensino e aprendizagem.

Os objetivos da aula eram pensar na compreensão dos aspectos afetivos nos processos de ensino, e como considerá-los na educação inclusiva. Mahoney e Almeida (2005) foram abordados na aula, ao lembrarem que a intensidade da relação do indivíduo com a situação, positiva ou negativamente, influencia no sentido que este dá à situação, afetivamente. E, a memória quando retomada, afeta o conhecimento, conforme a relação que o indivíduo teve quando aprendeu o conteúdo. Considerando isto, o docente pode elaborar estratégias as quais afetem positivamente, para melhor resultado na aprendizagem. Relações afetivas ocorrem em diversas esferas no ambiente escolar.

As construções de ideias se deram a partir do módulo Afetividade e Aprendizagem, presente no Curso de Extensão citado anteriormente, tendo em vista que a professora trouxe a apresentação do local em que trabalha, ações implementadas em tal campus de ensino, e a discussão de sua tese de pesquisa de que muitos alunos não se recordam das aulas de física dos anos anteriores, devido à falta de relações positivas com o processo de aprendizagem, segundo os cursistas.

A partir das respostas de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao formulário de avaliação semanal do conteúdo programático em questão, os resultados desta pesquisa possibilitaram melhor compreensão e diálogo com teóricos através de leituras e reflexões acerca do quanto a afetividade pode inculir na prática pedagógica de maneira expressiva.

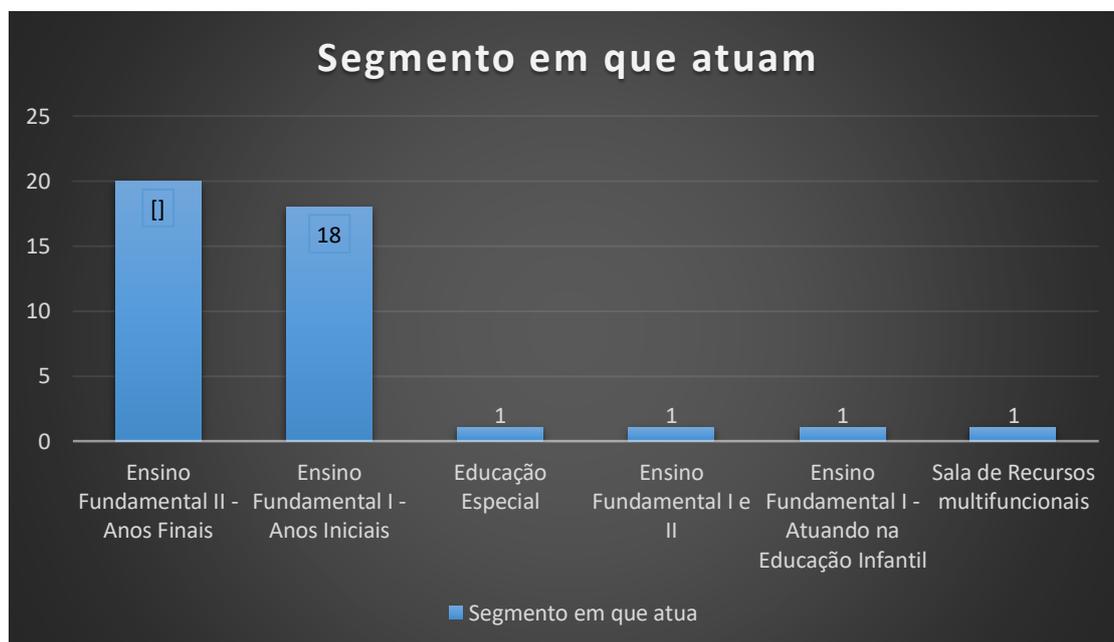
5. ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES CURSISTAS EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

No formulário de avaliação semanal havia algumas perguntas abertas e outras fechadas, dentre todas, as que foram consideradas para estudo foram:

1. “Segmento em que você atua”;
2. “Faça um resumo crítico (resenha) da aula”;
3. “Do que você mais gostou nessa aula? Por quê? ”;
4. “Como você iria trabalhar o conteúdo dessa aula na SUA sala de aula, com s@s alun@s? ”;
5. “Espaço para comentários adicionais”.

A pergunta I, traz o segmento de atuação dos cursistas os quais responderam ao formulário em questão e, como já fora citado, entre estes quarenta e dois cursistas, há profissionais da educação atuantes em diversas etapas de ensino, detalhadamente informado na figura 1 a seguir:

Gráfico 1 - Segmento de Atuação dos Professores Cursistas no Curso de Extensão de Educação Inclusiva - IFRJ Campus Mesquita – RJ



Fonte: dados da pesquisa

A partir da análise dos formulários, uma das questões dispostas foi a solicitação de um resumo crítico da aula. Os conceitos trabalhados foram considerados, onde os cursistas puderam discorrer com suas opiniões baseadas no que foi estudado, contemplando o conteúdo exposto no módulo, acrescido ao seu conhecimento prévio, fluindo em uma percepção individual da aula. Considerando as respostas ao resumo crítico solicitado, observamos que, na maioria das respostas, (77,8%), foi ressaltada a importância da associação da educação à afetividade, retificando o afetar como ação necessariamente crítico-reflexiva, visto que através dela o aluno se relaciona com o conhecimento intensificados positiva ou negativamente conforme a proposta da aula. Outros, no entanto, apenas expuseram resumidamente o que foi discutido na aula acerca da temática. Alguns cursistas salientam ainda a teoria de Vigotski como importante para o estudo da afetividade da aprendizagem, e destacam a relevância da relação afetiva positiva, para uma aprendizagem de qualidade, com resultados também positivos, pontuando que a relação, quando negativa, responde em resultados negativos no processo de aprendizagem. Houve também quem lembrasse do conceito de afetividade, o qual a professora levou à aula: “capacidade de sermos afetados” (Cursista 5).

Na resposta à questão III acima, o Cursista 2 destacou que “avaliar contemplando os aspectos afetivos respeitando suas especificidades” é essencial, com isso, conectando a avaliação ao estudo de afetividade.

Ao realizar a leitura do material disponibilizado e examinar referências bibliográficas indicadas relacionadas ao tema, correlacionar os materiais examinados; associando a abordagem da aula às necessidades deste trabalho, notou-se a relevância da afetividade no processo de aprendizagem, tão presente nas práticas de alguns, resultando positivamente ou, quando ausente, havia uma lacuna a ser preenchida pela afetividade, reconhecida pelos participantes do curso como essencial. Logo, o material foi de grande valor para a pesquisa da afetividade no processo de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, sob a perspectiva de professores deste período escolar.

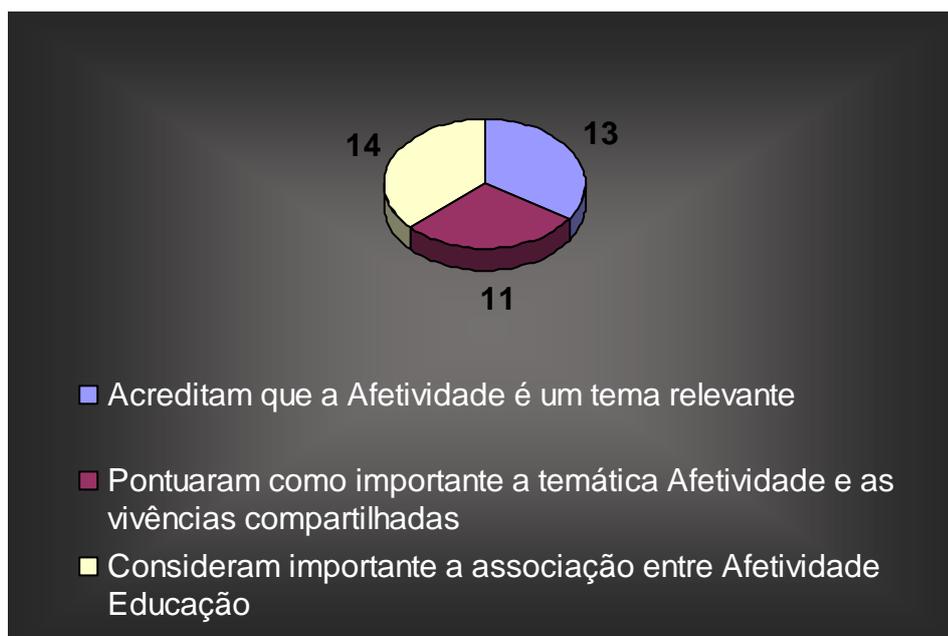
As sugestões de atividades, na pergunta IV destacada acima, chamaram a atenção, devido à dinamicidade e ludicidade. Alguns cursistas destacaram acerca do papel do professor na escuta responsiva, sensibilidade e atenção na observação e mediação durante o processo. O Cursista 1 pontuou que proporia uma “autoavaliação da aprendizagem” em pequeno texto individual. Enquanto que o Cursista 2 faria um levantamento do que afeta positiva ou negativamente os alunos, para então planejar suas aulas. O Cursista 3 pensou em uma pesquisa de opinião de forma trimestral. Outro, ainda, indicou a possibilidade de questionário com perguntas sobre impressões da aula. Teve ainda quem propusesse trabalhos em grupo, enfatizando a importância de socializar, investindo na aprendizagem mediadora. Reflexões estas em concordância com outros participantes, acrescidas de demandas importantes como o cuidado às habilidades e conhecimento prévio dos alunos; desenvolvimento integral; processo colaborativo, permitindo aprendizagem nas interações tendo o professor como mediador e não transmissor de conhecimento. A avaliação também foi assunto entre as respostas, reafirmando o quanto afeta os resultados, fortalecendo ou desmontando a construção mediadora. O cotidiano o qual minimiza conflitos e estabelece relações de confiança é positivo para a aprendizagem. A autoavaliação é um instrumento bastante válido durante o processo, construindo importantes pontes entre o que se conhece e onde se deseja chegar.

Um pensamento comum entre três respostas, explicitamente, consideradas para este trabalho foi o quão distante está a pauta de afetividade de como deveria,

para que a educação alcance um patamar mais avançado e resultado mais satisfatórios.

Houve possibilidade de os cursistas responderem de forma discursiva e subjetiva o que mais gostaram na aula, dentre os quais onze afirmaram explicitamente terem gostado da temática, da interação proposta, das vivências compartilhadas, a reflexão consistente e ampliada, pouco vista nos ambientes educacionais; os exemplos práticos e também a leitura previamente sugerida. Quatorze cursistas lembraram a relevância de tratar a afetividade desde o planejamento das aulas, além de elogios à oratória, e exposição da professora, pela Cursista 12. As respostas podem ser melhor observadas no gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Opinião dos Professores Cursistas no Curso de Extensão de Educação Inclusiva - IFRJ Campus Mesquita – RJ acerca da afetividade na educação



Fonte: dados da pesquisa

Uma questão relevante abordada para os cursistas dissertarem brevemente foi sobre como trabalhar em sala de aula na realidade de cada cursista o conteúdo da aula em questão. E as respostas apresentaram propostas variadas como: dinâmicas em grupo, valorizando as habilidades e diversidade; promoção de atividades interativas em duplas ou individuais com apresentações à turma; construções de cartazes, show de talentos; autoavaliação; rodas de conversa, entre

necessário atentar aos “aspectos emocionais, as inseguranças, a adaptação à presença física nas escolas, e refletir sobre as novas dinâmicas que surgem no cotidiano escolar” (OLIVEIRA, 2022, p.11). Oliveira (2022) comenta ainda que o psicológico, motor e afetivo precisariam ser estimulados através da convivência social para o desenvolvimento da criança, bem como a Cursista 1 havia comentado que poderia ocorrer.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando em toda discussão disposta na aula sobre afetividade do curso, nota-se o quanto o tema é relevante e ainda demanda atenção, divulgação e estudos, tendo em vista a confusão que ainda traz sobre afeto e afetar. Ou seja, retomando, afetividade aqui diz respeito ao quanto a prática pedagógica pode afetar o aluno, influenciá-lo de alguma forma, tornando significativa a aprendizagem, caso tenha relações positivas; ou ainda traga conflitos difíceis de solucionar, avaliações que não contemplem o processo e habilidades do aluno, e diversos debates os quais envolvem as relações do aluno com a aprendizagem a partir das interações com o conhecimento, com o meio, com o outro e consigo diante do entorno.

A pesquisa teve como objetivo geral levantar as percepções dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental participantes do Curso de Extensão em Educação Inclusiva do IFRJ Campus Avançado Mesquita sobre a influência da afetividade no processo de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, podemos inferir que os objetivos foram alcançados, tendo vista que foram apresentados pontos relevantes das respostas dos cursistas sobre o assunto, bem como gráfico explicitando tais reflexões e pôde-se notar relações com os teóricos abordados nesta pesquisa e o conteúdo do módulo em destaque do curso. Ou seja, Diante das percepções dos professores em questão, a afetividade tem valor no processo de aprendizagem.

O desenvolvimento significativo e positivo vem a partir de um planejamento que viabilize uma aprendizagem mediada em vez de transmitida; além de reforços e estímulos positivos às potencialidades do aluno, aumentando a segurança no ambiente e com os atores da educação.

A fase dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é uma transição em muitas esferas para o aluno, e a ludicidade não deve ser encerrada com o fim da Educação Infantil, mas permanecer e fomentar processos criativos, se adaptando às novas demandas de currículo e interesses pela faixa etária. A relação do aluno com o meio pode gerar bons frutos com sementes regadas por atenção, ludicidade, avaliação reflexiva; ou os mesmos secarem sem esse olhar sensível às necessidades dos alunos no decorrer do processo de ensino aprendizagem enquanto o sucesso da turma é perseguido, atropelando habilidades preciosas para o desenvolvimento coletivo.

Portanto, espera-se responder a esta inquietude e contribuir para tornar a discussão do tema ainda mais frequente, com reflexões constantes para práticas educacionais mais significativas.

7. REFERÊNCIAS

- ANJOS, Pollianna G. dos. **Reflexões sobre a formação continuada de professores na perspectiva da Educação Inclusiva e suas implicações no trabalho docente**. 2018. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6564> . Acesso em: 13 nov. 2022.
- AZEVEDO, Beatriz L.; OLIVEIRA, Elisângela Maria de; CARAÚBAS, Lúcia Maria. **Afetividade no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental: relevância para os processos de aprendizagem**. 2019; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/AZEVEDO%3B+OLIVEIRA%3B+CARAU%2%B4BAS+--+2019.1.pdf/dff1590e-6ea0-4115-ba93-c0564ece3dd7> . Acesso em: 28 nov. 2022.
- BRAGA, Paloma. **Neuroeducação no processo de aprendizagem: benefícios e dicas**. Rubeus, 2021. Disponível em: <https://rubeus.com.br/blog/neuroeducacao-no-processo-de-aprendizagem/> . Acesso em: 11 dez. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit_e.pdf . Acesso em: 12 dez. 2023.
- CANTANHÊDE, Flor De Liz M.. **A contribuição da afetividade no ensino fundamental**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/19712> . Acesso em: 28 nov. 2022.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B.. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DENZIN, Nornan. K. e LINCOLN, Yonna. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- CUNHA, Marileide dos S.; FERRETE, Anne A. S. S.. **Formação Continuada de professores que atuam na Educação Inclusiva: Análise sobre a Produção Científica em Periódicos Capes**. Linguagens, Educação e Sociedade, [S. l.], n. 48, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2452> . Acesso em: 13 nov. 2022.
- DUEK, Viviane P.. **Formação continuada: análise dos recursos e estratégias de ensino para a educação inclusiva sob a ótica docente**. Educ. Rev., Belo Horizonte, v. 30, n. 02, p. 17-41, jun.2014. Disponível em

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000200002&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 13 nov. 2022.

FLICK, Uwe. 2014. An introduction to qualitative research, 5nd edn. Sage, Thousand Oaks, CA, p. 616.

GERRING, John. (2019). **Pesquisa de estudo de caso: princípios e práticas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

GODOY, Arilda. S. **Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa**. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 3, n. 2, p. 81-89, mai./ago. 2005.

GOODE, William J.; HATT, Paul K.. **Métodos em Pesquisa Social**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1979.

GUERRA. Leonor B.. **Como as Neurociências contribuem para educação escolar?** FGR, Revista, Ano 04. N°5 outubro de 2010. Disponível em: https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/revista_5edicao.pdf . Acesso em: 28 nov. 2022.

GUERRA, Leonor Bezerra. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. **Revista Interlocução**, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_educacaoinclusiva/Artigo%20Leonor%20Guerra%20Neurociencia%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf . Acesso em: 13 dez. 2013.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Artmed Editora, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dONtDgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=A+forma%C3%A7%C3%A3o+continuada+de+professores+%C3%A9+um+tema+que+pode+causar+desconforto+a+alguns+profissionais+da+%C3%A1rea&ots=tuvKmkam9N&sig=MCXS3erxkzSvMqsPdZej-f7XkQA#v=onepage&q=A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada%20de%20professores%20%C3%A9%20um%20tema%20que%20pode%20causar%20desconforto%20a%20alguns%20profissionais%20da%20%C3%A1rea&f=false> . Acesso em 11 dez. 2023.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751440006.pdf> . Acesso em: 11 dez 2023.

MINAYO, Maria Cecília de S.. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista Pesquisa Qualitativa, [S. l.], v. 5, n. 7, p. 1–12, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82> . Acesso em: 22 dez. 2022.

MONTEIRO, Silvana A. M.. **Os impactos da afetividade no processo de ensino e aprendizagem nos alunos [do] ensino fundamental anos iniciais**. 2016.

Monografia (especialização) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/53831> . Acesso em 28 nov. 2022.

NAVEGANTE, Polyana Milena B.. **Neurociência e os processos cognitivos: práticas pedagógicas e perspectivas da aprendizagem no ensino de ciências nos anos iniciais**. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado acadêmico de Ensino em Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/2476>. Acesso em: 14 nov. 2022.

OLIVEIRA, Geizebel Sodré; FERREIRA, Natália de Souza; CAMPOS, Nayara Rodrigues de. **A psicomotricidade na educação infantil no contexto pós pandemia: estudo de caso a partir do relato de uma professora**. 2022. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/19949>. Acesso em: 22 set. 2023.

PAULA, Nanci Martins de. **Crianças Pequenas – dois anos – no ciberespaço: interatividade possível?** 244f. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em <file:///C:/Users/Patricia/Downloads/37635-Texto%20do%20Artigo-158267-1-10-20161022.pdf> . Acesso em 12 set. 2023.

PEREIRA, Grazielle Rodrigues et al. **Formação continuada de professores dos anos iniciais da educação básica: impacto do programa formativo de um museu de ciência a partir do viés crítico-reflexivo**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 19, p. e2470, 2017.

SANTOS, Anderson Oramisio; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues; SILVA, Graciela Nunes da. **A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky**. Perspectivas em Psicologia, v. 20, n. 1, p. 86-101, 2016. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/101149443/18718-libre.pdf?1681678287=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA Afetividade No Processo De Ensino e Ap.pdf&Expires=1698110808&Signature=bRKAVnacQ6gLd1Ec0FaY6zkrhXGKhdRq-fmWjSMYMEEnAWhy2cEgdB89xqCe64GPC0dQOM88BG1OpgCWwPgx1Hk0jVwKS4cKIDDyZSGr5EqL3b1TECmyyQOdYaMuGvUqMwQinK-M~MOpxvWyvVdHOH1~~g7PB8~VEnHhUTZ9kSi-fyBIRp-IGYZaU2rJN6jjWNvITbdreDKyomh55jkF79FJShTisz~Uc-ivKj4gmKDVw~sC8IJKUmJBZ~XDlhtlr0YCsxQxqXO9DDdz6q228JirtBYVhTsXavjrmDTS9i4qrHLjW9-JwBDa0cWopzTfav9TOwhES8iLNjllZIT-w &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em 20 out. 2023.

SODRÉ, Mariza Sueli Oliveira et al. **Educação Inclusiva e Formação de Professores: gênese, análise e discussão de um curso de extensão**. 2022. Tese de Doutorado. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/55970/mariza_sodre_ioc_dout_2022.pdf?sequence=2&isAllowed=y . Acesso em 20 set. 2023.

SOUSA, Anne Madeliny Oliveira Pereira de; ALVES, Ricardo Rilton Nogueira. **A neurociência na formação dos educadores e sua contribuição no processo de aprendizagem**. Rev. psicopedag., São Paulo , v. 34, n. 105, p. 320-331, 2017 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 nov. 2022.

VIANA, Tereza Raquel Xavier. NEUROPLASTICIDADE: UMA ANÁLISE DA NEUROCIÊNCIA MODERNA. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 6, p. 5065-5079, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/889/560>. Acesso em: 13 dez. 2023.

VIEIRA, Marcelo M. F. e ZOUAIN, Deborah M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Formulário de Avaliação Semanal de Aula Remota – 17/11/2020

Avaliação semanal de aula remota - 17/11/2020

Atividade assíncrona posterior ao encontro virtual. O preenchimento é obrigatório e faz parte da composição de sua nota final.

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail *

Nome completo (seu nome) *

Título da aula *

Nome do palestrante *

Data da aula *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

Segmento em que você atua *

Marcar apenas uma oval.

Ensino Fundamental I - Anos Iniciais

Ensino Fundamental II - Anos Finais

Outro: _____

Numa escala de 1 a 5, sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito, qual a sua avaliação sobre a aula quanto ao:

Marcar apenas uma oval por linha:

	1	2	3	4	5
Conteúdo disponibilizado previamente	<input type="radio"/>				
Conteúdo apresentado no encontro ao vivo	<input type="radio"/>				
Habilidade em criar interesse pelo tema	<input type="radio"/>				
Clareza na apresentação	<input type="radio"/>				
Uso de exemplos práticos	<input type="radio"/>				
Uso de técnicas didáticas adequadas ao conteúdo	<input type="radio"/>				
O conteúdo se aplica na sua sala de aula?	<input type="radio"/>				
Uso do tempo de aula	<input type="radio"/>				

Faça um resumo crítico (resenha) da aula *

Você deverá fazer um breve resumo sobre as atividades da aula (síncrona e assíncrona) da semana. Seu resumo deve expressar o que aconteceu na aula, quais foram os assuntos abordados pelo palestrante durante o encontro virtual e uma síntese das atividades assíncronas que foram enviadas previamente. (mínimo de 15 linhas)

Do que você mais gostou nessa aula? Por quê? *

Você deverá dizer o que mais lhe agradou, mais chamou sua atenção no conteúdo, na abordagem do palestrante - tanto no encontro virtual quanto nas atividades assíncronas (enviadas previamente). (mínimo de 05 linhas)

Você sugere alguma mudança nessa aula? Qual seria a mudança? * Nesse espaço você poderá apontar algumas sugestões de mudança, especificamente sobre essa aula, tanto no encontro virtual quanto nas atividades assíncronas (enviadas previamente). (mínimo de 05 linhas)

Como você iria trabalhar o conteúdo dessa aula na SUA sala de aula, com s@s alun@s? *

Pense em todo conteúdo abordado sobre esse tema específico e tente imaginar como você iria abordar essa temática com seus alunos. **IMPORTANTE:** você não deve pensar na Educação Inclusiva de modo geral! Aqui, você deverá focar no conteúdo específico dessa semana, tanto no encontro virtual quanto nas atividades assíncronas (enviadas previamente). (mínimo de 05 linhas)

Espaço para comentários adicionais Caso queira fazer algum comentário, use esse espaço. O preenchimento não é obrigatório.
